

Crise do capitalismo e regressão social para a classe trabalhadora

Capital crisis and setbacks for workers

Recebido: 26/02/2022 | Revisado:
12/02/2022 | Aceito: 14/02/2022 |
Publicado: 30/03/2022

Ricardo Antunes

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9035-0033>

UNICAMP

E-mail: ricantunes53@gmail.com

Como citar: ANTUNES, R.; Crise do capitalismo e regressão social para a classe trabalhadora. **Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica**. [S.l.], v. 1, n. 22, p. e13840, mar. 2022. ISSN 2447-1801.



Este trabalho é licenciado sob um [Creative Commons Atribuição 4.0 Licença Não Relatada](#).

Resumo

O texto é uma transcrição da participação na mesa temática “Crise do Capitalismo e Regressão Social para a Classe Trabalhadora”, apresentada no VI Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional A Produção do Conhecimento em Educação Profissional: em defesa do projeto de formação humana integral, promovido pelo Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. Discute-se, inicialmente, a profunda crise do capitalismo a partir da década de 1970 e as implicações para os trabalhadores e trabalhadoras no Brasil e no mundo com forte impacto no aumento do desemprego e da terceirização. Posteriormente, analisa-se a situação dos trabalhadores e trabalhadoras brasileiros a partir dos governos neoliberais de Michel Temer e Jair Bolsonaro e defende que a crise do capital e o desemprego foram agravados pela pandemia da COVID-19. Por fim, chama a atenção para quatro pontos importantes na luta contra a regressão social. Primeiro, o capitalismo vem se aproveitando da pandemia para criar laboratórios de experimentação do trabalho para serem intensificados depois da pandemia; segundo, é fundamental ter consciência da necessidade de lutar para que nenhum trabalho, do mais complexo ao mais simples, possa ser desprovido de direitos; terceiro, os temas científicos devem ser aqueles que interessam à humanidade e não às grandes corporações; e quarto, é urgente reinventar um novo modo de vida.

Palavras-chave: Capitalismo; Crises do Capitalismo; Regressão Social; Pandemia da Covid-19.

Abstract: The text is the result of a presentation by Ricardo Antunes at the VI Colóquio Nacional e III Colóquio Internacional A Produção do Conhecimento em Educação Profissional: em defesa do projeto de formação humana integral. The scientific event was organized by the Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte. In this article, we analyze how the educational reforms of the Temer and Bolsonaro governments, which, in a continuous and deepening line, are guided by neoconservative and ultra-neoliberal principles, constitute a threat to public space with consequences of an attack on the Rede Federal de Educação Profissional Científica e Tecnológica (RFEPCT). Based on the outline of the historical development of professional education models in Brazil, we identify a logic in relation to the measures that operate in the perspective of the curricular fraying of professional education and secondary education offered in the RFEPCT that are articulated in a double movement of

emptying funding. of education and its commodification, to provide training for the market and the education market.

Keywords: Capitalism; Crises of Capitalism; Social Regression; Covid-19 pandemic.

1 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CRISE DO CAPITAL

A análise da crise me obriga a fazer uma digressão, ainda que breve, mas bastante importante. A crise que estamos vivendo hoje, em 2021, tem seus inícios em 1973, depois daquela onda de lutas sociais, greves e manifestações em 1968 e 1969, que se espalhou em vários países do mundo, inclusive no Brasil, mas também na França, Itália e em vários países da Europa, Estados Unidos, México, Argentina etc. Depois desse período, o mundo capitalista acentuou sua tendência destrutiva e praticamente fez desaparecer qualquer perspectiva de um mundo com traços de humanidade e coágulos de civilidade.

Nós podemos, então, dizer que o capitalismo, com a feição que ele assumiu a partir da crise estrutural do capital de 1973, será cada vez mais destrutivo. Essa tese, que devo à obra de István Mészáros, que fez a principal análise dessa crise, no meu entendimento, é a mais contundente. Podemos também encontrar consequências e repercussões dessa análise nos escritos de Robert Kurz, nos textos de David Harvey, nos textos de François Chesnais, para citar, além de Mészáros, outros três grandes analistas, economistas políticos, filósofos, que fazem a crítica da crise desse período.

O que significa a crise estrutural do capitalismo? Primeiro, nós sabemos que o capitalismo no século 20 se expandiu por meio de ciclos. Expansão... crise, expansão... crise, expansão... crise. Eu aprendi com meu grande amigo István Mészáros - seu último trabalho foi publicado em livro póstumo, em outubro de 2021, e chama-se *Para além do leviatã: crítica do Estado* (MÉSZÁROS (2021), nos seus tantos trabalhos, que a crise pós 1973 não mais será uma crise cíclica com avanços e quedas, que ela tenderá a ser, cada vez mais, uma crise declinante e persistente. Pode durar muito tempo.

Na obra de Mészáros, não há ideia do colapso do capitalismo por si só, embora nós saibamos que a sociedade em que estamos vivendo hoje vivencia o colapso todo dia. Para quem duvida disso, basta pensar que o mundo ainda não saiu de uma pandemia que já matou mais de 5 milhões de pessoas. Mas a crise capitalista se acentuou em 2008/2009. Não é outra crise, mas, em 2008/2009, uma outra manifestação daquela que começou em 1973 e, em 2008/2009, se aprofundou.

Que resultado estamos tendo de lá para cá?

Primeiro, uma crise dessa dimensão não é uma crise simples, é uma crise estrutural do capital, que passou a criar bolsões de desempregados e desempregadas em todas as partes do mundo, o que Karl Marx chamou da superpopulação relativa, de exército industrial de reserva. Tudo isso vem se ampliando de tal modo que... olhemos o Brasil hoje, os dados oficiais geralmente minimizam a realidade das coisas, nós temos hoje mais de 13 milhões de desempregados por desemprego aberto e em torno de 6 milhões de desempregados por desalento. Se somarmos os dois grupos teremos em torno de 19 a 20 milhões de desempregados e desempregadas no Brasil. Ora, se o Brasil tem mais 210 milhões de habitantes, se tem uma população economicamente ativa que já foi mais de 100 milhões e hoje é menor, se nós temos

quase 20 milhões sem emprego, juntando o desemprego aberto ao desemprego por desalento, isso dá uma ideia da tragédia do mundo em que nós estamos. Entre os desempregados no Brasil, um pouco mais, um pouco menos de 40% desta força de trabalho se encontra na informalidade. Isso mostra o tamanho da crise brasileira, hoje e depois da pandemia. Mas atenção, se nós formos para a Itália, Espanha, Portugal, Inglaterra, França, ou para os Estados Unidos, Canadá, Japão, com todas as diferenças entre esses países, o desemprego é alto e quando o desemprego não é alto, a desigualdade é brutal.

A segunda consequência dessa crise é que para tirar o capital da crise em que ele se encontrou em 1973, acentuada em 2008, as grandes corporações, as grandes empresas estão desenvolvendo um mundo tecnológico, informacional, digital, que não para de rodar. Nesta uma hora e pouco em que teremos nossa mesa, muitos inventos tecnológicos serão feitos, mas a maioria deles, com exceção das universidades públicas, dos centros de pesquisa públicos, das instituições públicas de pesquisa, à exceção desses, a maior parte dos inventos serão feitos para que algumas empresas corporativas fiquem mais avançadas que outras e possam derrotar suas concorrentes. Por exemplo, quanto mais a *Apple* avança, mais ela provoca a *Huawei* chinesa. Quanto mais a *Huawei* avança, mais ela joga para escanteio a *Apple*. Por isso, as duas estão disputando o mercado internacional da internet 5G.

O terceiro ponto é que esse movimento da crise estrutural a partir de 1973, foi conduzido desde lá por um receituário que se sustenta em uma verdadeira trípode destrutiva. Neoliberalismo, ou seja, privatizar tudo que der lucro (água, energia elétrica, previdência, saúde, educação.), o que é vital para o neoliberalismo desorganizar e desestruturar o Estado e não pagar seus funcionários, não ampliar a sua formação, porque quanto mais destruídas forem as empresas públicas, mais facilmente a população irá se voltar contra elas e o governo irá privatizá-las. Então, nós estamos em um mundo em que quase todos os serviços públicos que eu utilizava quando era criança, como os serviços públicos para suprir a população com água, energia elétrica, educação, previdência, estão privatizados.

2 DESEMPREGO E TERCEIRIZAÇÃO: QUESTÕES DECORRENTES DA CRISE DO CAPITAL

Chamo a atenção para dois problemas mediante essa situação, especialmente a partir da viragem do século XX para o século XXI: a crise se aprofundou, o desemprego aumentou. Quando digo que há uma tendência declinante, de crise estrutural, não significa que um país não possa subir um pouquinho. Por exemplo, os Estados Unidos melhoram um pouco, o Japão piora, a Alemanha se mantém; depois a Alemanha se recupera um pouquinho, os Estados Unidos caem e o Japão se torna regular; depois a China estava lá no alto, chegou a crescer 13% ao ano na década passada (o que é um verdadeiro trem bala) mas depois caiu para 7%, 6%, 5%. Isso ocorre porque a tendência do capitalismo é declinante. Isso é que é importante. Isso fez com que as empresas fossem experimentando vários mecanismos de precarização do trabalho.

Então, a terceirização, que era utilizada no passado só para serviços de segurança, limpeza, transporte dos trabalhadores ou alimentação nos restaurantes das empresas, foi aumentando. Entrou nas empresas privadas, mas também nas empresas públicas. Isso fez com que ela fosse entrando no Estado, que foi sendo

privatizado por dentro. Esta é a tragédia maior que estamos vivendo sob o governo neoliberal e autocrático de Bolsonaro. A educação pública está sendo devastada e privatizada por dentro. A reforma administrativa do Governo Bolsonaro é, na verdade, o fim da estabilidade do emprego público, este é o objetivo fundamental da reforma, e a conversão do Estado em um organismo enxuto que só serve para garantir os interesses da burguesia da nossa classe dominante. E eles vão dizer: Saúde? Privado! Educação? Setor privado! Transporte? Setor privado! Energia elétrica? Setor privado! Nós estamos vendo tudo isso. Recentemente a privatização da Chesf, da Eletrobrás, o desmonte da Petrobras. Por que se está desmontando a Petrobras? Para privatizá-la, o que significa mais terceirização, mais informalidade, mais desemprego, mais subutilização.

O que é subutilização? Quem trabalha, por exemplo, três horas por dia, gostaria de trabalhar oito horas por dia, mas não tem emprego. Então, ele ou ela trabalha menos do que precisa para se manter. O resultado disto é que nasceu, desenvolveu-se um sistema, para usar uma expressão muito rica do Mézáros (eu desenvolvo essa ideia no E-book *Corona vírus: o trabalho sob fogo cruzado*), um sistema de metabolismo antissocial do capitalismo, que vai destruindo a humanidade que trabalha, vai destruindo irreversivelmente a natureza, vai exasperando a desigualdade, vai provocando e desenvolvendo atos e práticas como as negacionistas. Estas não ocorreram só no Brasil. Lembrem-se, entre tantos outros, de Donald Trump, nos Estados Unidos; de Órban, na Hungria; de Duterte, nas Filipinas; do governo da Turquia; do governo da Polônia. É uma lista infundável.

Isso significou que, em um dado momento, depois de terceirizar, informatizar, os capitais decidiram dar o pulo do gato. Criaram um verdadeiro Frankenstein social, para usar a obra literária da Mary Shelley. Tendo uma massa desesperada de trabalhadoras e trabalhadores precisando de emprego, dos mais qualificados, médicos, médicas, engenheiros, engenheiras, professores, professoras, jornalistas, aos trabalhadores da base, trabalhadoras domésticas, jardineiros, eletricitas, ou seja, uma massa imensa do topo à base, os capitais decidiram que, como todos os países do mundo têm altos índices de desemprego, seria possível dar o pulo do gato e legalizar o trabalho intermitente.

E o que é legalizar o trabalho intermitente? É permitir que um trabalhador e uma trabalhadora, sempre pensando na dimensão social, sexual, étnica e racial do trabalho, deixem de ser chamados de trabalhadores. O capital chegou à conclusão de que esses trabalhadores, que são a base para novos empregos, teriam que ser transformados, teriam que ser transfigurados, não poderiam mais ser chamados de trabalhadores e de trabalhadoras. Então, o trabalhador e a trabalhadora vão, por exemplo, comprar um automóvel ou alugar um automóvel e vão trabalhar na *Uber*, na *Cabify*, na *99*, nos Estados Unidos, na *Drift*. É também assim com um trabalhador jovem, que compra uma moto ou uma bicicleta, ou aluga uma moto ou uma bicicleta, e vai trabalhar nas plataformas *Rappi*, *Ifood*, *Deliveroo*, nessa infinidade de plataformas que se esparramam pelo Brasil e pelo mundo. As empresas perceberam que seria possível redenominá-los e dar a eles uma nova definição que os excluísse da condição de assalariados. Eles deixariam de ser chamados de trabalhadores, trabalhadoras, proletários, proletárias, assalariados, assalariadas, e passariam a ser chamados de empreendedores, de prestadores ou prestadoras de serviços.

A *Uber* atua em mais de 10 mil cidades do mundo, tem algo em torno de 6 milhões trabalhadores e trabalhadoras esparramados pelo mundo, *Uber* e *Uber eats*.

E isso, sem falar da *Uber health*, *Uber Works* e outras iniciativas que a *Uber* vem tentando criar. A *Uber health*, a *Uber* saúde, *Uber Works*, a *Uber* trabalho, e tantas outras aberrações. A jogada fundamental é não dar nenhum direito trabalhista a nenhum desses trabalhadores. Por isso, eles não podem ser chamados de trabalhadores. É um engodo! Hoje os CEOs (Chief Executive Officers) não usam mais a expressão “os trabalhadores da minha empresa”, são “os colaboradores da minha empresa”. É uma empulhação, porque na primeira crise os trabalhadores vão embora, então os “colaboradores” são, de fato, operários, trabalhadores, assalariados. A uberização, então, veio, entrou no setor de serviços que foi privatizado e se esparramou como praga no mundo. A *Uber*, a *Uber eats*, a *Amazon*, na *Amazon Mechanical Turk*, *99*, *Cabify*, *Deliveroo*, *Ifood*, *Airbnb*, *Facebook* formam uma massa imensa de corporações que estão enchendo-se de dinheiro e não reconhecem os direitos da classe trabalhadora.

Isto criou, então, pela primeira vez no capitalismo central dos países do Norte um processo que se acentuou nos países da periferia, no Sul do mundo: uma massa crescente, que eu chamo no meu livro *O Privilégio da Servidão*, de “novo proletariado de serviços da era digital”, que frequentemente está fora dos direitos do trabalho. Tem trabalho, recebe; não tem trabalho, não recebe. Tem trabalho, consegue sobreviver se matando. Não tem trabalho, não tem seguro saúde, não tem seguro-desemprego, indenização, porque ele não é reconhecido como trabalhador ou trabalhadora.

O chamado empreendedorismo... e aqui eu não estou criticando quem acha que é empreendedor, pois se eu tivesse desempregado há dois anos, se eu não tivesse como pagar minhas contas, se eu não tivesse como alimentar meus filhos, eu aceitaria qualquer trabalho, até aquele programado pelo demônio (o demônio no nosso caso é o capital, não é nenhum bicho extraterrestre, é o capital), porque eu tenho que sobreviver, eu tenho que dar comida para meus filhos e minhas filhas... Só que a prática da uberização não atinge só os motoristas da *Uber*, *Cabify* e *99*, mas os motoqueiros da *Uber eats*, *Rappi*, do *Ifood*, da *Deliveroo*. Enfim, essas imensas empresas que não param de nascer em plataformas. Existe até uma plataforma no Brasil chamada *Getninjas*, onde tudo que se precisar contratar ela tem. A *Amazon Mechanical Turk* é hoje a maior empresa plataformizada do mundo, cujo ex-CEO, dono, tem uma fortuna calculada em mais de um trilhão de reais. Há um mês e meio ele foi ao espaço, gastou fortunas para construir uma nave que o levou ao espaço, porque agora eles querem explorar o espaço. Se não bastasse explorar o espaço territorial, agora a ideia é explorar o espaço sideral, e ele teve a pachorra, quando voltou de viagem, de dizer que devia aquela viagem aos trabalhadores da *Amazon*, que deram dinheiro para ele organizar uma empresa de exploração econômica do espaço. Eu mostro no meu livro *O privilégio da servidão* que têm trabalhadores que trabalham nos armazéns da *Amazon* que andam 24/25 km por dia, entram e saem do trabalho. Assistam ao filme *Nomadland*: nele, a trabalhadora vivia rodando pelo mundo, acabava o dinheiro, ela entrava em um armazém da *Amazon* para trabalhar e ganhar algum dinheiro para sair rodando em uma caminhonete (*motorhome*) que era a sua casa.

Então, a uberização é um processo em que as relações de trabalho se tornam cada vez mais individualizadas, invisibilizadas, assumindo, assim, a aparência de prestação de serviços. E, ao fazer isto, nega, esconde, mascara as relações de assalariamento e exploração do trabalho. É por isso que estamos vendo a luta, no

Brasil, dos entregadores e entregadoras de moto, de bicicleta, daqueles que andam a pé, ou dos trabalhadores que têm carro ou que alugam carros para trabalhar.

Agora, veja a tragédia: vamos imaginar que eu estou sem emprego... eu já entrevistei um entregador que era veterinário e não tinha emprego, outro que era engenheiro químico e não tinha emprego... eu vou comprar um carro de 60/70 mil reais - porque tem que ser um carro que não pode ser muito velho, senão as empresas não aceitam - ou eu vou comprar uma moto e vou financiar. Então, eu vou comprar um carro por 70 mil reais ou 80 ou 50 ou 100 ou 150 e entro em uma plataforma dessas. O que é que eu vou fazer? Eu vou trabalhar 10, 12, 14, 16, 18 horas por dia para conseguir dinheiro para comer, manter o carro limpo, manter o seguro do carro, pôr gasolina. Olha que nesse país está difícil pôr gasolina! Até isso esse governo conseguiu.

Esse governo é tão horroroso e tão medonho que até a gasolina todo dia aumenta. Não tem um dia que a gasolina não aumente. É um horror, é um horror para a população trabalhadora. A população brasileira haverá de sair deste horror, porque o horror tem limite, o horror não pode ser eterno e nem eternizado.

E o resultado disso é que eu entro na empresa e não posso pensar em ser “desligado” ou bloqueado porque senão como eu vou pagar o carro pelo qual eu paguei 70 mil, mas no banco já está custando 140 mil? Como é que eu vou pagar a moto pela qual eu paguei 15 e já estou devendo 130 mil? Entenderam o tamanho do caos em que nós estamos? O que significa dizer que o trabalho uberizado depende de sua forma intermitente. O trabalhador e a trabalhadora trabalham quando têm trabalho ou quando podem.

O governo Temer, o desgoverno Temer... Este é outro horroroso, só não consegue ser mais horroroso que o atual porque mais horroroso que o atual não tem no mundo. Mas o Temer é um horror, tanto que se caísse no inferno o diabo ia sair correndo, ia falar: “não, não, não, não, aqui não!” Como dizia minha mãe: “Aqui não, violão!”. Então, este é um inferno do mundo do trabalho e isto gerou o que eu chamo do *novo proletariado de serviços*. Você pode perguntar: “Professor, mas o que essas empresas estão ganhando?” Elas têm alta tecnologia. Elas entraram nos serviços que se tornaram privatizados, todos: *callcenter*, *telemarketing*, hotéis, comércio, *fast food*, mas entraram também nas tecnologias de informação e comunicação, que não param de crescer. É um moinho satânico. É uma tecnologia que se a *Apple* for forte, ela quebra a chinesa *Huawei*; se a *Huawei* for forte, ela quebra a *Apple*. Vocês sabiam que até recentemente a *Netflix* era uma grande plataforma de *streaming* de filmes, que nos conectamos, e a *Amazon* entrou de cara para peitar a *Netflix*, e elas estão disputando uma luta de box, na qual quem der o nocaute mais forte vai quebrar a outra. E isto à custa de uma exploração ilimitada do trabalho. E é por isso que venho desenvolvendo algumas hipóteses de trabalho que posso resumi-las.

3 CRISE DO CAPITAL E DESEMPREGO: A PANDEMIA DA COVID-19 COMO FATOR AGRAVANTE

Não foi a pandemia que causou este horror, esta é a primeira ideia. O trabalho uberizado, o trabalho plataformizado, o trabalho terceirizado, o trabalho informal, desemprego, subemprego, desemprego por desalento: tudo isso existia antes. O que de fato a pandemia fez foi, primeiro, desnudar a brutal desigualdade social no mundo

e, particularmente, no Brasil. Segundo: exasperar essas desigualdades. Foi, então, que desenvolvi em um trabalho recente, em um projeto de pesquisa que eu tenho com o Ministério Público do Trabalho daqui da região de Campinas, eu e meu grupo publicamos um livro, *Uberização, trabalho digital e indústria 4.0*, onde eu desenvolvi três hipóteses ou três teses. Eu só vou citar aqui brevemente duas e vou encerrar.

A primeira tese é a de que o capitalismo vem aproveitando-se da pandemia para criar laboratórios de experimentação do trabalho para serem intensificados depois da pandemia. São dois exemplos para mim muitos fortes: o capitalismo de plataforma vem expandindo o trabalho uberizado na pandemia. Agora, já vemos médicos serem contratados por plataformas, engenheiros e engenheiras, professores e professoras serem contratados por plataformas. Ou seja, se a moda pegar e se isso passar, nós trabalhadores do chamado setor de serviços seremos grandes candidatos a nos tornarmos uberizados, ou nós ou nossos filhos ou nossos netos. Se é que a humanidade vai existir até lá, porque acho que não paira nenhuma dúvida hoje de que com esse ar poluído, com o aquecimento global que nós temos, a humanidade está correndo risco. Nós adoecemos por doenças pulmonares, antes da Covid, aos milhares por ano no Brasil e aos bilhões no mundo.

Segundo exemplo: todos nós sabemos, e acabei de participar pela manhã de um congresso nacional e internacional de médicos epidemiologistas, no qual houve uma mesa sobre o mundo do trabalho, e eu tive o prazer de participar como mais três companheiros e companheiras nessa mesa, todos nós podemos nos tornar uberizados hoje. “Ah, professor, mas eu sou estável da universidade”. Bom, mas você está no Brasil. O ministro da economia é o “poste Ipiranga”, não é posto, é “poste Ipiranga”, esse é o melhor jeito de classificá-lo que eu posso encontrar. Vocês conhecem a reforma administrativa do governo Bolsonaro, nós funcionários públicos deixaremos de ter estabilidade, seremos terceirizados ou celetistas ou uberizados e intermitentes.

A segunda experimentação é o *home office*, o trabalho remoto. As empresas perceberam durante a pandemia, as grandes corporações perceberam que, com o trabalho remoto, elas economizaram muito dinheiro: redução de custo de transporte, redução de custo com água, luz, energia, tudo dos escritórios. E perceberam também que enfraqueceram a classe trabalhadora, porque uma coisa é você conversar com teu colega do lado e dizer “tá muito ruim isso aqui”, conversam com outros e vão fazer uma greve. Como você organiza uma greve digitalmente? Como é que você organiza uma Assembleia Sindical digitalmente? “Ah, professor eu sei que tem gente que faz”. Eu também sei, só que é muito diferente. Todos que estamos aqui somos professores. Todos que estamos na mesa sabemos que é muito diferente dar uma aula, é muito diferente se eu estivesse fazendo essa palestra aí, com vocês, ao vivo, *in loco*, do que remotamente.

O *home office* tem atingido mais duramente as mulheres, muito mais, porque elas enfrentam o patriarcalismo dos maridos, a dupla jornada, levar o trabalho que faziam fora para dentro de casa e juntando-o com a jornada de dentro de casa: cuidar do filhos, organizar a casa, alimentação... Ou seja, o inferno é grande. Isto coloca, para terminar, então, um desafio crucial: a pandemia nos mostrou que o capitalismo além de destrutivo (essa é uma tese minha), se tornou letal. Por isso, eu chamo o capitalismo pandêmico de capitalismo letal. Nós adentramos em uma era de capitalismo pandêmico ou capitalismo virótico porque ele é letal. “Ah, professor, você não está exagerando?” Para menos! Porque são mais de 5 milhões de mortos por

uma pandemia, 5 milhões no mundo. São mais de 600 mil mortos no Brasil. E só não chegamos a 1 milhão porque temos o SUS e porque, em um dado momento, pusemos uma trava no governo para ele parar com sua política genocida de infectar a população. Então, nós estamos obrigados, nós pesquisadores, professores, estamos obrigados a lutar pela educação pública. Sem educação pública não terão palestras como essa que estamos fazendo aqui. Vai vir uma figura grotesca dizendo que o melhor para a vida no mundo é ser empreendedor, e vai cobrar muito caro para falar, mas muito caro, porque ele é parte do circo.

Segundo: nós precisamos ter consciência de que temos que lutar para que nenhum trabalho, do mais complexo ao mais simples, nenhum trabalho possa ser desprovido de direito, muito menos o do funcionário público e do professor. “Ah, mas querem que a gente seja trabalhador uberizado”. Eles não vão falar uberizado, vão falar “que ganham por hora”. Inaceitável! Isso aqui não é feira, vendo um tomate, ganho um tomate. O ensino tem que ser público e presencial.

Terceiro: temos que escolher os temas científicos que interessam à humanidade e não às grandes corporações.

Quarto e último ponto: nós temos que reinventar um novo modo de vida. A pandemia me mostrou claramente, e mostrou para muitos bilhões de pessoas, que este sistema é destrutivo. Não estava preparado sequer para atender à saúde da população rica, morreu muito rico nesse período. Morreu dez vezes mais, quinze vezes mais de pobres. Basta você ir à Índia, ao México, ao Brasil, à Rússia para ver isto. Mas o sistema de saúde dos ricos não estava sequer preparado para atendê-los. No Brasil, a tragédia só não foi maior pela importância do Sistema Único de Saúde, público, o SUS, que mesmo sendo destruído por este governo e pelos governos anteriores, manteve-se. Quando o governo foi obrigado a dar a vacina, nós chegamos a vacinar 2 milhões e meio de pessoas por dia, porque o sistema funciona, apesar de estar sendo destruído.

A crise do capitalismo é profunda, ela quer jogar em cima de nós, classe trabalhadora, todo o ônus da crise. Ou a gente reinventa um novo modo de vida, outro tipo de ser humano e ser social, outro modo de produção, ou nós não vamos poder falar daqui a dez anos, porque não vai mais existir trabalho ou escola pública, e não vai mais existir professor com estabilidade.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo. **O Privilégio da Servidão**: o novo proletariado de serviço na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

ANTUNES, Ricardo (org.). **Uberização, Trabalho Digital e Indústria 4.0**. São Paulo: Boitempo, 2020.

ANTUNES, Ricardo. **Coronavírus**: o trabalho sob fogo cruzado, E-book, São Paulo: Boitempo, 2020.

MÉSZÁROS, István. **Para além do leviatã**: crítica do Estado. São Paulo: Boitempo, 2021.